

# *A comunicabilidade antropofágica do Santo Daime na Terra do Sol*

Fernanda Carlos Borges\*

## **RESUMO**

Na Cultura Messiânica criticada por Oswald de Andrade, a comunicação é apoiada na persuasão, é exclusiva. Diferente desta, a comunicação na Cultura Antropófaga se apoiaria na alteridade, sendo inclusiva. A religião Santo Daime agrega pessoas através do efeito de uma bebida indígena, ahuasca, incluindo diversas mitologias, diferenciando-se das religiões exclusivas e persuasivas.

**Palavras-chave:** Antropofagia, persuasão, alteridade

## **ABSTRACT**

*In the Messianic Culture criticized by Oswald de Andrade, the religious communication is dependent on persuasion, it's excluding and exclusive. In the antropophagic culture, the communication depends on alterity, it's including. The Santo Daime religion brings people together through the effect of an indian drink, ahuasca. Several mythologies are included in the process of drinking, which differs from the excluding and persuasive religions.*

**Keywords:** antropofagy, persuasion, alterity.

## **RESUMEN**

*En la cultura Mesianica criticada por Oswald de Andrade, la comunicación es apoyada en la persuasión, es exclusiva. Diferente de esta, la comunicación en la cultura antropofaga se apoyaria en la alteridade, siendo inclusiva. La religión del Santo Daime agrega las personas através del efecto de una bebida indígena, ahuasca, incluyendo diversas mitologías, diferenciandose de las religiones exclusivas y persuasivas.*

**Palabras clave:** Antropofagia, persuasion, alteridad

Ao que Oswald de Andrade chamou cultura messiânica corresponde um modo de comunicação apoiado na persuasão. Esta pressupõe a existência de uma verdade oculta e estável a ser descoberta e transmitida, a fim de corrigir a vida. A cultura messiânica acaba por desenvolver um movimento com base na expansão e na exclusão.

Este modo de compreender o agir pressupõe que a ação inteligente deve ser antecedida por um conhecimento que a justifique. Henry Atlan (ATLAN, 1992) sugere que o conhecimento prévio tem por base não uma verdade estável transcendente à variabilidade do mundo, como queria o messianismo, mas a memória. Esta é ligada ao já vivido, portanto, à experiência e ao passado. Sugere, então, que a memória desenvolva parâmetros e estabilidade, mas não pode sozinha resolver o momento, desde que o momento esteja envolvido com a emergência de novidade

“a auto-organização inconsciente (...) deve ser considerada como o fenômeno primordial nos mecanismos do querer, voltados para o futuro, ao passo que a memória deve ser situada no centro dos fenômenos da consciência (...) a consciência diz respeito, antes da mais nada, ao passado”. (ATLAN, 1992, pg.118)

Assim, podemos compreender Oswald quando diz “*contra a memória fonte de costume. A experiência pessoal renovada*” (ANDRADE, 1995, p.51). A posição faz a síntese entre a memória e o querer, pois na posição estão os parâmetros da direção, orientação e conformação, sem os quais nenhuma ação é possível.

Para Oswald de Andrade, é a posição indígena antropófaga no Brasil, aquela capaz de nos ligar ao futuro e ao passado simultaneamente.

A religiosidade da cultura messiânica, ao contrário, dissolve as posições no transcendente, cultivando a idéia de um homem ideal e universal, o que justifica o fato de o protestantismo ter favorecido a transformação e o desenvolvimento provocados pelo capitalismo.

“Eis-nos perante”o gênio do protestantismo ascético”: o caráter racional (consciente, metódico, sóbrio, desperto, vigilante, calmo, tranquilo, constante e incansável) da ação instrumental agora transvalorada, interpretada em sua eficácia como sinal em si de que a bênção de deus está bem ali, no trabalho diurno e intramundano de crescente domínio técnico do mundo natural, ação racional com relação a fins que entretanto agora vale por si mesma, já que transfigurada semanticamente no registro do dever, da obediência, da conformidade a um mandamento exarado pelo deus todo-poderoso e todo-transcendente”. (PIERUCCI. 2003, p.205)

Essa religiosidade está apoiada na eliminação da magia e na concepção de um percurso linear determinado pela luta final entre o bem e o mal, onde o bem corresponde a parâmetros fixos e estáveis, que devem conduzir o agir, ameaçado constantemente pela instabilidade e confusão provocadas pelo mal do mundo transitório.

“As religiões dualistas (...) postulam um deus que é independente, poderoso e bom, mas cujo poder é limitado por outro princípio, força ou vazio. O dualismo do zoroastrismo, ou do maniqueísmo, é franco; o do judaísmo e cristianismo é muito mais disfarçado, mas existe(...) O princípio do mal, embora possa não ter origem, nem começo, tem um fim, e no fim todas as esperanças, tanto para o cosmos como para o pequeno cosmos, que é o homem, serão realizadas”. (RUSSEL. 1991, p.86)

O mal, no messianismo, deve ser combatido e eliminado. Diferente desta, a alteridade é a característica da comunicação na cultura antropófaga. Esta não entende a comunicação como o processo através do qual uma verdade é transmitida, a fim de combater a mentira ou a ignorância. O que corresponderia, respectivamente, à compreensão do mal como oposição ao bem ou como insuficiência do bem. Na alteridade antropófaga o inimigo é o outro ao qual se deve resistir e assimilar, pois o antropófago *“compreende a vida como devoração e a simboliza no rito antropofágico, que é comunhão.”* (ANDRADE. 1995, p.159) Este movimento, capaz de transformar o adverso em favorável corresponde à magia, é inclusivo.

Oswald acreditava que mantivemos, no Brasil, o espírito antropófago e, por isso, as diferentes culturas e mitologias presentes entre nós podem ser assimiladas e transformadas através da posição antropófaga do tupi-guarani. Esta posição envolve uma retomada do matriarcado e um retorno à

natureza, onde a tecnologia desenvolvida pelo patriarcado messiânico poderá substituir o trabalho escravo, dissolvendo a exploração de um mundo dividido entre senhor e escravo, natureza e cultura, bem e mal, entre outras divisões.

A cultura antropófaga está, antes de tudo, apoiada na percepção e assimilação do diferente e, assim, “*a alteridade é no Brasil um dos sinais remanescentes da cultura matriarcal.*” (ANDRADE. 1995, p.157) Algo diferente aconteceria na cultura patriarcal e seu ideal de civilidade, pois “*na civilidade há qualquer coisa de coercitivo – ela pode exprimir-se em mandamentos e sentenças*” (ANDRADE. 1995, p.157).

Oswald assimilou a crítica de Nietzsche ao ideal de homem da cultura messiânica,

*“preso na rede da civilização alexandrina, que conhece como ideal o homem teórico, equipado com os máximos poderes do conhecimento, trabalhando a serviço da ciência, cujo protótipo e ancestral é Sócrates (...) É em um sentido quase apavorante que aqui, por longo tempo, o homem culto só foi encontrado sob a forma do homem erudito.” (NIETZSCHE. 1996, p.40)*

Contra o homem teórico, Oswald chama a atenção para o homem brasileiro, entendido como o Homem Cordial, pois para o

*“homem cordial, a vida em sociedade é uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se em si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo cada vez mais à sua parcela social, periférica, que no homem brasileiro – como bom americano – tende a ser o*

*que mais importa. Ela é antes um viver nos outros.”*  
(ANDRADE. 1995, p.158)

Apesar de criticar as religiões messiânicas, Oswald chama a atenção para o que ele chama de experiência órfica. Sua abordagem, que propõe uma consciência imersa na natureza, não implica em, necessariamente, abrir mão da experiência da fé e da magia. Diz ele:

“mesmo tendo da igreja a pior idéia, nunca deixei de manter em mim um profundo sentimento religioso, de que nunca tentei me libertar. A isso chamo eu hoje sentimento órfico. Penso que é uma dimensão do homem. Que dele ninguém foge e que não se conhece tribo indígena ou povo civilizado que não pague esse tributo ao mundo subterrâneo em que o homem mergulha.” (ANDRADE. 1995, p. 56)

No Brasil religioso, o movimento Santo Daime parece corresponder a alguns aspectos do movimento antropófago proposto por Oswald de Andrade, como: não é apoiado na pregação e na persuasão, mas no efeito de uma bebida herdada dos índios – a ahuasca – o ritual envolve uma beberagem herdada dos índios que incorpora as diversas mitologias brasileiras; tem na natureza a força espiritual; foi fundada sob a determinação da Grande Mãe, a Rainha da Floresta; envolve movimentos de vida comunitária com ênfase na preservação das matas que ocupa.

Oswald de Andrade repudiou a filosofia, normas e prescrições morais das instituições religiosas, especialmente a cristã, na qual foi criado. No entanto, para ele

“Deus existia e acabou-se! Existiam e agiam também os santos, Santos para tudo. Nas trovoadas, Santa Bárbara e São Jerônimo, esse terrível asceta da Idade Média. Santa Luzia para o mal dos olhos, Santa Clara contra a meteorologia, etc. Quando uma barata surgia no soalho, gritava-se por São Bento. São, Bento protegia contra as feras. Todo esse dicionário do totemismo órfico presidiu e explicou o mundo ante meus olhos infante.” (ANDRADE. 1995, p.46)

Também diz: “o paganismo de certas festas religiosas enlevou longamente minha infância. (...) era tudo uma série ininterrupta de músicas e cantos que deslumbravam os olhos num renovado espetáculo popular”. (ANDRADE. 1995, p.28) Este imaginário todo é vivo na mitologia do Santo Daime, onde a Lua, Cristo, o Sol, o Vento, Maria, as Estrelas e os Santos convivem lado a lado, assimilando tradições da pajelança, do cristianismo, do candomblé e ainda outras, como podemos ver neste trecho de um dos tantos cantos que animam seus rituais

Jesus Cristo está no Céu

**Está na terra e está no mar**

***A princesa Janáina***

Ela veio pra me ensinar.

O Santo Daime nasceu de uma visão que Mestre Irineu, um seringueiro analfabeto, teve dentro da floresta, depois de beber ahuasca (ALVARENGA. 1992). Ele viu a imagem de uma deusa: a Rainha da Floresta, que identificou como a Virgem da Conceição. A sabedoria ritual foi passada na forma de cantos, hinos, que norteiam os encontros sob o efeito da bebida.

É uma experiência bastante apoiada na sensação corporal, como diz este canto

Estou nos teus pés

Estou na tua cabeça

Estou nos teus braços

***Estou na tua mão esquerda***

Eu mexo no teu estômago

Mexo no teu coração

Mexi na copa do mundo

Aonde está eu irmão

Então, é uma religião nascida de uma Grande Mãe Natureza que, através de um preparado de plantas, acolhe os homens na sua sabedoria:

Eu venho da floresta

Com o meu canto de amor

Eu canto é com alegria

A Minha Mãe que me mandou

O movimento que começou com Mestre Irineu continua com Padrinho Sebastião (ALVARENGA, 1992). Ele inicia um movimento de fundação de uma comunidade que hoje é uma cidade na floresta chamada Céu do Mapiá. Esta cidade se destaca pela qualidade de vida, em comparação com as outras comunidades locais. Padrinho Sebastião levou o Santo Daime para outras regiões. Hoje, existe alguma igreja desta doutrina em praticamente todas as capitais brasileiras e muitas outras no exterior. Uma das características destes núcleos é a preocupação em agrupar-se comunitariamente em áreas de mata, pois compreendem a natureza como dotada de poder espiritual e digna de veneração.

Sol, lua, estrela

A terra, o vento e o mar

É a Luz do Firmamento  
É só quem eu devo amar

Oswald não vê nesta relação espiritual entre homem e natureza um estado de consciência primitiva, como propôs Freud, este bastante envolvido com o processo de desmagificação da vida, como podemos ver:

“Há correspondência entre as fases de desenvolvimento da visão humana do universo e as fases do desenvolvimento libidinal do indivíduo. À fase animista corresponderia à narcisista, tanto cronologicamente quanto em seu conteúdo; à fase religiosa corresponderia a fase de escolha de objeto, cuja característica é a ligação da criança com os pais; enquanto que a fase científica encontraria uma contrapartida exata na fase em que o indivíduo alcança a maturidade, renuncia ao princípio do prazer, ajusta-se à realidade e volta-se para o mundo externo em busca do objeto de seus desejos” (FREUD. 1914, p.113)

Para Oswald, a consciência mágica envolve um caminho norteado na comunicabilidade, não na ilusão narcísica, e seria uma das características do retorno ao matriarcado tecnológico. Oswald, na contramão freudiana, nos leva de volta às sociedades matricêntricas, onde *“o espírito recusa-se a conceber o espírito sem corpo. Antropomorfismo. Necessidade de vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões do meridiano. E as inquisições exteriores.”* (ANDRADE. 1996, p.48). Parece que nos rituais do Santo Daime a espiritualidade está explicitamente ao corpo, pois

nele tudo acontece através da beberagem de um preparado de plantas herdado dos índios.

À Grande Mãe, é pedido:

Oh! Mãe Celestial

Que me dê a salvação

E me bote em bom lugar.

Gambini (GAMBINI. 1999) diz que o arquétipo da Grande Mãe está ligado ao espaço, e a mãe concede ao filho o sentido de um lugar no mundo. Por isso, trata da importância de elaborarmos nossa mãe brasileira ancestral: a Mãe Índia. Mãe, porque o pai foi um europeu português, pois nas caravelas primeiras não viajavam mulheres. Para Gambini, a recuperação dos valores desta Mãe nos ajudaria a nos localizarmos no Brasil, como brasileiros. O seguinte canto concorda:

*A minha mãe foi quem me deu*

*Neste mundo este lugar*

*Peço força e dou força*

*E não saio do meu lugar*

Por algum motivo que desconheço, a ahuasca favorece o desenvolvimento da consciência corporal de posição, tratada entre eles como Firmeza. O processo pode vir acompanhado de emoções fortes, lembranças, catarses emocionais, reações como vômito e diarreia, intuições de sabedoria e entendimento, que são sucedidos por uma sensação de bem-estar. Muitas vezes descrita como “caí em mim”, o efeito da bebida não desfaz o sentido de posição, ao contrário, evidencia-o.

O sentido de posição lembra o que disse Gilberto Felisberto Vasconcellos:

“Vivemos em tempo e espaço alheios. O contorno da natureza nos escapa inteiramente.

(...) O governo põe a culpa em São Pedro, que não deixa chover, assim como se responsabiliza equivocadamente o Sol como causa da seca, e não a devastação das florestas (...) Nosso índio tinha verdadeira adoração pelo Sol, enquanto os brasileiros idiotizados continuam a caluniá-lo.” (VASCONCELLOS. 2002, p.43)

Oswald de Andrade já reparou que somos “filhos do Sol, Mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas” (ANDRADE. 1995, p.47). Vasconcellos também repara que

“Evidentemente não basta ir à praia e curtir o astro rei. O lance é compreendê-lo como doador cósmico de energia, sem a qual não há vida na terra. (...) A razão primeira, como diz o samba popular, é o Sol. (...) Se o sol é o imenso reator energético, então a terra do sol passa a ser o locus por excelência da energia armazenada. De onde se conclui que o Brasil, o continente dos trópicos, é o lugar da energia verde.” (VASCONCELLOS. 2002, p.22)

Pode parecer estranho aproximar, como estamos fazendo, o pensamento marxista da escola de biomassa e um movimento religioso. Mas os estamos ligando através de Oswald de Andrade, cujas idéias são bastante influenciadas, ao mesmo tempo, pelo marxismo e pela aceitação da magia contra o ideário capitalista. Então, lembramos que o sol também tem presença importante no Santo Daime. Num dos hinos, por exemplo, é tratado desta forma:

Se não existisse o sol

*O que era da terra*

O sol é quem me dá luz  
E ilumina toda terra  
O sol é um bom guia  
Para quem quer aprender  
Ouvindo o que ele diz  
Todos podem vencer

A visão de mundo desenvolvida por Oswald de Andrade também nos lembra Edgar Morin, quando este diz que “*não é possível escapar a esta idéia incrível: é desintegrando-se que o cosmo se organiza*” (MORIN. 1997, p. 48). É uma idéia muito parecida com a da existência como devoração, oscilando entre a estabilidade e a instabilidade, cuja síntese é feita continuamente na relação e na comunicação. Um outro canto do Santo Daime diz:

Eu balanço, eu balanço,  
Eu balanço tudo enquanto há  
Eu chamo o sol  
Chamo a lua  
E chamo a estrela  
Para todos vir me acompanhar  
Eu balanço, eu balanço  
Eu balanço tudo enquanto há  
Eu Chamo o vento  
Chamo a terra  
E chamo o mar  
Para todos vir me acompanhar  
***Eu balanço, eu balanço***  
Eu balanço tudo enquanto há  
Chamo o cipó  
Chamo a folha  
E chamo a água

Para unir e vir me amostrar  
Eu balanço, eu balanço  
Eu balanço tudo enquanto há  
Tenho prazer  
Tenho força  
E tenho tudo

Porque Deus eterno é quem me dá.

Essa visão de mundo, que encontramos em Oswald e no ritual do Santo Daime, leva-nos de volta a Vasconcellos e a uma questão paralela: o Brasil e sua natureza tropical, num contexto em que,

“O que está em pauta hoje no mundo é a incontestável ruína de um paradigma civilizatório, dentro do qual irrompe o espectro do apocalipse ecológico, com o efeito estufa e a chuva ácida. Diante dessa realidade objetiva da biosfera, emerge no cenário contemporâneo a necessidade de um novo sistema energético, assentado nas energias renováveis, vegetais e limpas do ponto de vista ambiental (...) o norte é rico em dinheiro mas pobre em energia, enquanto o sul é pobre em dinheiro e milionário em energia.”  
(VASCONCELLOS. 2002, p.17)

Vasconcellos espanta-se com a dificuldade de os intelectuais brasileiros perceberem a situação do Brasil diante da crise energética da civilização, apoiada no carvão mineral e no petróleo. Propõe “*uma forma de energia limpa (não traz poluição), renovável, pacífica, criadora de empregos, descentralizadora de renda, de poder e de população.*” (VASCONCELLOS. 2002, p.11) Trata-se

de um problema de percepção, deslocada de um corpo alienado do ambiente. Então, não será de desprezar um movimento popular religioso voltado para a natureza brasileira, nascida entre moradores da floresta, com as características que estamos mostrando aqui.

Há, ainda, um outro aspecto antropófago que percebemos numa das estórias contadas no Santo Daime: Padrinho Sebastião teria travado uma luta de forças com o Diabo e este, sentindo-se fraco, pede acolhimento ao movimento, pede que o tolerem e o ajudem a salvar-se, em troca disso, ele lhes garante defesa e proteção. Essa estória equivale ao processo de transformação do tabu em totem, “*do valor oposto ao valor favorável*” (ANDRADE. 1995, p.101). Parece que esta posição faz com que uma das tônicas do movimento seja o alerta contra “falar mal um do outro, querendo caluniar”. A fofoca também foi tratada por Oswald de Andrade, quando entendeu que “*chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada dos pecados do catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos*”. (ANDRADE. 1995, p.51)

O processo de comunicação envolvido nas idéias de Oswald de Andrade, sugere um Brasil capaz de desenvolver um modo de vida com base na alteridade e na comunicação, capaz de rejeitar a persuasão em benefício da democracia, parecido com o que acontece no movimento popular envolvido no Santo Daime, tanto quanto no pensamento científico e acadêmico da escola da biomassa. Oswald, há muito observou que

“Temos a base dupla e presente – a floresta e a escola. A raça crédula e dualista, a

geometria, a álgebra e a química logo depois da mamadeira e do chá de erva-doce. Um misto de “dorme nenê que o bicho vem pegá” e equações. Uma visão que bata nos cilindros dos moinhos, nas turbinas elétricas, nas usinas produtoras, nas questões cambiais, sem perder de vista o Museu Nacional. Pau-Brasil”. (ANDRADE. 1995, p. 44)

### **Referências bibliográficas**

- ALVARENGA, AP. *O guia da floresta*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- ANDRADE, O. *Um homem sem profissão – sob as ordens de mamãe*. São Paulo: Globo, Secretaria do Estado da Cultura, 1990.
- ANDRADE, O. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1995.
- ATLAN, H. *Entre o cristal e a fumaça*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- FREUD, S. *Totem e tabu*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GAMBINI, R, e DIAS, L. *Outros quinhentos. Uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 1999.
- MORIN, E. *O método. A natureza da natureza*. Portugal: Publicações Europa América, 1997.
- PIERUCCI, A F. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: USP, Curso de pós-graduação em Sociologia: Ed. 34, 2003.
- RUSSELL, J B. *O diabo*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.
- VASCONCELLOS, G F. *Biomassa: a eterna energia do futuro*. São Paulo: Editora Senac SP, 2002.

\* **Fernanda Carlos Borges** é doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora de Folclore e Ética na Arte na Faap – SP, graduada em Filosofia pela PUC-RS, e mestre em Sociologia e Filosofia da Motricidade Humana, Unesp-Rio Claro.